



Do Encontro ao Texto: A Transparência nos Perfis da Revista *piauí*¹

Mariana BORBA²

Marta Regina MAIA³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o conceito da transparência no formato perfil da revista *piauí*. A crescente criação de revistas independentes no cenário nacional faz com que as atenções se voltem para as que estão em constante destaque na mídia. A *piauí*, criada em 2006, é referência na narrativa diferenciada e nos perfis. O conceito da transparência aparece na revista como um mecanismo democratizador da informação. A partir de uma análise de conteúdo, a proposta é avaliar de que maneira a entrevista deixa transparecer os mecanismos de produção dos perfis e como ele se integra na narrativa da revista.

Palavras-chave: perfis; *piauí*; transparência; jornalismo; entrevista.

Introdução

Um fenômeno a ser considerado no jornalismo é o crescente advento de revistas diferenciadas, que utilizam recursos literários e narrativas arrojadas, no mercado brasileiro. “Entre 2000 e 2011 foram criados 305 novos títulos, dos quais 162 foram descontinuados, somando 223 títulos filiados ao Instituto Verificador de Circulação”. (MAIA, 2013, p.177.)

¹Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de graduação, 6º período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq no Projeto “A tipologia e as angulações adotadas nos perfis publicados pelas revistas *piauí* e *Brasileiros*”. E-mail: marianaborba.jor@gmail.com

³ Professora Adjunta III do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, com graduação em Jornalismo pela PUC Campinas e em História pela Unicamp. Líder do Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Narrativas e Linguagens” (CNPq). Orientadora do Projeto “A tipologia e as angulações adotadas nos perfis publicados pelas revistas *piauí* e *Brasileiros*”. E-mail: marta@martamaia.pro.br



O aumento das revistas no mercado nacional é reflexo do espaço destinado para publicações que buscam sair do conceito *hard news* da redação de jornais, ou seja, “notícias quentes” no jargão jornalístico. Os jornalistas buscam novas formas de narrativa textual. Sérgio Vilas Boas afirma que esse tipo de jornalismo é feito através do “processo criativo e uma atitude nos quais não cabem fórmulas, esquemas ou grupismos.” (VILAS BOAS, 2009). O autor ainda afirma que o fazer literário no jornalismo vem como uma alternativa para arejar o conteúdo produzido nos jornais e revistas, passando por documentários audiovisuais e até em sites de notícia.

A revista ainda é um meio tradicionalmente eficaz para que esses formatos sejam explorados pelos jornalistas, afinal o tempo de produção e o espaço para veiculação são maiores do que nos jornais. Procedimentos como: observação, descrição e narração fazem parte do que Edvaldo Pereira Lima considera ser parcialmente importado da literatura para o território do impresso. O que ficou consagrado nos Estados Unidos, na década de 1960, como o *New Journalism* de Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote, instalou-se, no Brasil, nas revistas *Realidade*, *O Cruzeiro* e no jornal *O Pasquim* com a reportagem e uma nova forma de escrita. Por aqui, Marcos Faerman, José Hamilton Ribeiro, Roberto Freire, Joel Silveira e Luiz Fernando Mercadante foram alguns dos jornalistas que contribuíram para a consolidação do gênero no jornalismo brasileiro.

As revistas sempre tiveram um papel crucial para que a narrativa diferenciada fosse lida pelo público como informação suplementar à política da época com o viés humano. O relato que defende o sujeito como elemento principal, colocando o mesmo em primeiro plano, é o que garante a identificação com o público: enxergar-se nas histórias que possuem rostos é possível e é feito por intermédio de algumas revistas.

O formato *perfil* está entre as produções mais importantes dentro do gênero interpretativo. Diferente da biografia, que recolhe dados precisos para a narrativa de uma vida, o perfil tem o foco em períodos menores ou situações especiais vivenciadas pela pessoa. O interesse do jornalista que pretende compor um quadro de uma pessoa específica começa antes do encontro entre os dois. A preparação das perguntas para o direcionamento do diálogo situa o entrevistador no lugar de questionador:

A entrevista, direta ou mediada por qualquer suporte de diálogo, é o encontro formal entre dois extremos do mesmo processo de comunicação, unindo em um único evento quem detém a informação e quem procura por ela. (CUNHA, 2012, p. 55)



O jornalista procura retratar em seu texto aspectos que vão além do material bruto de uma entrevista. Uma característica forte do perfil, que o diferencia das demais maneiras de relatar no jornalismo, é a possibilidade de deixar a marca autoral.

O propósito deste artigo é analisar o conceito da transparência⁴ nos perfis da *piauí*. Para isso, um panorama geral sobre a revista será apresentado para que as diretrizes abordadas sejam situadas no veículo. As edições de setembro a dezembro de 2012 foram selecionadas para que fosse feita a análise.

A revista *piauí*

A revista *piauí* é referência no campo jornalístico devido as reportagens narrativas, escritas em textos longos, e a profundidade com que trata os perfis. Lançada em 2006 e idealizada pelo jornalista e documentarista João Moreira Salles, é conhecida pelo formato diferenciado. Tanto no tamanho - 26,5 cm de largura e 34,8 cm de altura – incomum para os padrões nacionais, quanto no conteúdo. As edições, mensais, não possuem uma abordagem específica, ou editoriais fixas, as ilustrações das capas nem sempre fazem alusão ao conteúdo do interior da revista e as temáticas são muito diversas. O repórter possui mais liberdade autoral, pois não se compromete com os padrões de lead, pirâmide invertida e outras regras do jornalismo convencional.

João Moreira Salles, em entrevista à Folha de S. Paulo (2010), afirma que “o diferencial é o aprofundamento que quem escreve a revista tem para realizar as reportagens”. A *piauí* preocupa-se em não se prender a uma linha editorial específica, por isso a variedade na abordagem dos temas. Nas palavras de Salles, as matérias se justificam pela qualidade do texto.

O jornalista que acompanha o perfilado deixa os momentos de encontro registrados no texto. Essa aproximação e, conseqüentemente, a confiança adquirida pelo profissional, fazem da narrativa um engajado relato imerso em fatos pessoais. A atenção para os detalhes que poderiam passar despercebidos são imprescindíveis para a riqueza textual.

⁴ O conceito da transparência formulado por de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, defende a veracidade na profissão. No momento em que o jornalista apresenta no texto elementos do encontro com a fonte ou aspectos dos bastidores, ele é capaz de provar ao público parte da apuração feita para que a matéria fosse escrita. A transparência é entendida também como uma medida capaz de democratizar a informação (MAIA, 2008).

Um exemplo a ser colocado de como a forma da narrativa é marcada pelos pormenores que fazem parte da tipologia da revista, é o início do perfil escrito por Daniela Pinheiro e publicado na edição de junho de 2012. Mesmo não fazendo parte do período de análise, vale a pena a citação literal, abaixo, já que representa um padrão recorrente da maneira textual ao longo das edições:

O Soldado do PT

As marchas e contramarchas de Delúbio Soares para mostrar que ele não inventou o mensalão, apenas cumpria ordens e servia à causa do partido.

Delúbio Soares chegou de terno escuro risca de giz, camisa branca, gravata vinho e sapatos pretos lustrosos. A barba alvinegra estava bem aparada, os cabelos um tanto despenteados e o agudo diastema dental – sua marca registrada – havia sido corrigido com um penoso tratamento ortodôntico, que os amigos dizem ter-lhe dado confiança para sustentar sorrisos largos. Eram quase seis horas de uma tarde recente quando o antigo tesoureiro do Partido dos Trabalhadores entrou na sede do Sindicato... (*PIAUI*, 2012, p.16)

Diferente dos perfis analisados, o nome do entrevistado aparece logo no início do texto. O padrão que apresenta o perfilado após dois ou três parágrafos não se repete nessa publicação, mas as informações que seguem fazem parte do estilo característico em situar o leitor em um local definido. A princípio, quem lê o começo do perfil acima, passa a conhecer Delúbio Soares fisicamente, graças a informações obtidas por um olhar apurado da jornalista que o acompanha.

A transparência, ou a ‘prova do encontro’ é percebida pelo verbo de ação “chegou”, no início do texto. Novamente, situando o leitor em um lugar específico a ser detalhado ao logo da narrativa. A jornalista finaliza a primeira parte do perfil com: “Eram quase seis horas de uma tarde recente quando o antigo tesoureiro do Partido dos Trabalhadores entrou na sede do Sindicato...”. O número de minúcias inconcebíveis para outro tipo de encontro que não pessoal ou a entrevista paralela,⁵ no caso, com os amigos do político, que “dizem ter-lhe dado confiança para sustentar sorrisos largos”, faz parte da forma como a revista trata os perfis.

Assim como as publicações sem editoria fixa, o perfil se assemelha por não possuir um padrão recorrente dos personagens retratados. Há, porém, um viés político

⁵ A intenção em ratificar a importância do encontro não é afirmar que um perfil não possa ser feito a distância, através de pesquisas. O objetivo é falar da prática da revista em optar por encontros face a face, sem excluir a noção de um estudo e uma apuração bem feita.



que cerca a revista e faz dos perfis políticos os mais conhecidos. Exemplo disso é o livro *VULTOS DA REPÚBLICA - Os melhores perfis políticos da revista Piauí*, organizado por Humberto Werneck. A seleção traz nomes importantes para a política nacional como: Fernando Henrique Cardoso, José Dirceu, José Sarney, Dilma Rousseff, José Serra, Marina Silva entre outros.

O perfil na piauí

A partir de conceitos definidos anteriormente por José Marques de Melo e aprofundados por Manuel Chaparro, o *perfil* se encontra na classificação de gênero interpretativo. Entende-se que devido ao grau de noticiabilidade e a liberdade estilística é permitido o posicionamento e a interpretação do autor do texto assim como a explicação mais contextualizada do conteúdo. (SOSTER, PICCININ, 2010). Outros autores, entretanto entendem que o perfil pode ser deslocado para qualquer outro gênero jornalístico, visto que a “concepção que pressupõe sua produção é o fator delimitador – em sentido estrito – de seus traços finais.” (MAIA, 2013, p. 177.).

O perfil é de natureza autoral, diretamente ligado ao sentimento de quem o faz, mesmo que, muitas vezes, tenha que seguir alguns critérios da linha editorial do veículo. Assim, fica a cargo do autor que suas interpretações apareçam no texto com os mesmos critérios de veracidade que permeiam o jornalismo. Sérgio Vilas Boas introduz em parte de seu livro *Perfis e como fazê-los* os processos de criação: “memória, conhecimento, imaginação, síntese e sentimentos”. (VILAS BOAS, 2003, p. 14) O autor os pontua como elementos essenciais para o trabalho autoral. Ainda afirma que são percepções pessoais que se encaixam em um modo particular de escrita.

É importante ressaltar dois conceitos do livro. O autor partilha da ideia de Steve Weinberg (biografia de curta duração) ao colocar que “o perfil pode focalizar apenas alguns momentos na vida da pessoa.” (VILAS BOAS, 2003, p. 13) Essa redução – em tempo e espaço – é uma premissa habitual para quem analisa o formato. A trajetória sintética, como é situada na literatura da área, é um ponto a ser considerado para que se inicie a relação com o conceito da *transparência*.

O segundo ponto no livro são as quatro instâncias definidas por que Vilas Boas faz no perfil:

“Um perfil tem quatro partes: lembrança, espaço, circunstância e interação. Da lembrança fui a história de vida; o espaço é a



geografia do encontro; a circunstância representa o tal ‘momento significativo’ a que se referiu Cartier-Bresson; e a interação é o que leva a uma expressão (facial, gestual, opinativa)” (VILAS BOAS, 2003, p.20).

Das quatro divisões apresentadas, a relação entre o jornalista e o perfilado é a principal na prática da entrevista. “As histórias de vida” são fatos a serem percebidos pelo jornalista após uma apuração cuidadosa e um olhar mais detalhado em relação ao relato. Podem partir da pesquisa inicial além do que for percebido no encontro. O “espaço” remete ao encontro imediato, à individualização de ideias. Ali, o jornalista está em uma posição favorável para obter as respostas que procura. Essa posição se firma através de um contrato pré estabelecido em qualquer tipo entrevista. Há quem procure as respostas e há quem – primariamente - as oferece.

A “circunstância” seria o momento precioso em que não há a mediação, o que faz o ‘momento significativo’ ocorrer é a habilidade do jornalista em aproveitar do instante face a face para que se desenrole o diálogo. Por último, a “interação” é o que permite as divisões serem centralizadas na impressão do perfil. O texto é construído através, também, da expressão “facial, gestual, opinativa”.

Rafael Guimaraens no texto: *A entrevista e seus personagens* resume os conceitos esmiuçados através da divisão de Vilas Boas.

Quem se dispõe a dar uma entrevista tem o direito de dizer o que quer. Cabe ao repórter, a partir do domínio da técnica e do conhecimento do assunto tratado, a tarefa de tirar o entrevistado de sua zona de conveniência. As melhores entrevistas nascem de um repórter astuto e um entrevistado sincero. (GUIMARAENS, 2012, p. 75)

A entrevista, nesse sentido, é instrumento para a efetuação desse formato imerso na prática jornalística. O jornalista se vale das percepções particulares para a escrita do perfil. É um dos poucos tipos textuais do jornalismo em que as impressões embasam o texto. O dever do jornalista é, ali, na própria narrativa, moldar um personagem de acordo com sua visão parcial. O autor é quem delimita a história contada e, através dela, é capaz de passar para o leitor uma nuance sobre o perfilado.

A entrevista e o conceito da *transparência* na revista *piauí*



A prática da entrevista é entendida como “o encontro formal entre dois extremos do mesmo processo de comunicação, unindo em um único evento quem detém a informação e quem procura por ela.” (CUNHA, 2012, p. 55)

É uma das técnicas mais antigas para que se chegue ao bem comum: o acesso à informação. Aquilo que o jornalista toma por conhecimento a partir da fala de outra pessoa só é entendido como informação quando atinge alguém. Para que esse processo aconteça com clareza, o jornalista torna-se mediador do processo, por vezes, até, tradutor do que não seria do conhecimento geral do público, tendo então a função de democratizar a informação.

Para tanto, a entrevista restitui seu lugar de importância na prática do jornalismo. Luiz Cláudio Cunha (2012) se refere ao evento singular em que a especialidade do jornalista como inquiridor é colocada à prova. Um pré contrato estabelecido, conhecido, inclusive, pelas duas partes, parte da ação em que o sujeito é detentor de alguma informação restrita. O jornalista pode, inclusive, saber daquilo que se fala, como em certos casos. Porém, é preciso colocar a fala de quem domina a informação no texto, ou ao menos se basear nela. Esse contexto da entrevista é parte do pressuposto de legalidade (quando há um especialista), ou pressuposto de verdade, na maioria das vezes. A credibilidade, tida como um princípio da profissão jornalística se estende para o entrevistado.

A entrevista é uma ferramenta muito importante para que o jornalista consiga ser transparente em seu texto. Funciona ainda, como o espaço dialógico e legitimador do ‘pré perfil’. Por isso, a colocação entre o conceito da transparência e a narrativa própria da *piauí* é entendida como extensão da prática de uma entrevista bem feita. É o que possibilita as análises apresentadas mais a frente.

A imprevisibilidade do encontro deve ser levada em consideração para que a entrevista seja colocada, novamente, em um lugar de importância e se sobressaia, inclusive, sobre os aparatos tecnológicos que venham a distanciar a fala.

O jornalista não vai ter a certeza de que seu entrevistado, o outro do encontro, vai estar no mesmo lugar que ele, vai voltar-se para ele da mesma forma. O *não-saber*, inclusive, deveria ser mais um tempero para a abertura, para que eu vá me entrever com alguém sem uma postura fria, objetiva, de quem se viu ali com um propósito, porém, não abre os olhos, os ouvidos, o coração para um desvio no percurso. (ALEIXO, 2013, p. 51)



Os jornalistas da revista *piauí* correm o risco iminente para que a entrevista seja menos proveitosa do que em outra situação. O risco ao qual a autora se refere, ou a não certeza do que acontecerá na entrevista não é uma questão individual aos jornalistas da revista, porém, existe a credibilidade no mercado e de seus profissionais. Por se tratar, na maioria, de perfis com personalidades políticas em destaque, é de se pensar que grande parte deles não gostaria de ler sobre possíveis corrupções e situações embaraçosas envolvendo seus nomes. Novamente, a forma como são feitos os perfis colocam o jornalista em isenção de julgamentos precipitados e intenções de mal dizer sobre os perfilados. A transparência ajuda o público a entender como isso é possível na narrativa da *piauí*.

“Pela primeira vez em nossa história, a notícia cada vez mais é produzida por empresas de fora do jornalismo, e essa nova organização econômica não se acanha em usar o jornalismo como muleta para vender seus produtos, serviços e ideologias.” (2013) A fala é do jornalista e pesquisador Geraldo Seabra em seu site, a respeito da prática na profissão. Ele discorre sobre a ideia em fazer do jornalismo mais factual e menos mercadológico, contrário à visão empresarial que aumenta na contemporaneidade, principalmente nos grandes meios de comunicação.

O estudo que o pesquisador apresenta se baseia em conceitos criados no final da década de 1990 por profissionais americanos com receio do mesmo processo de desqualificação da notícia que Seabra expõe em seu site. O conceito - ou regra - da *transparência* aparece nos estudos de Bill Kovach e Tom Rosenstiel no livro *Os elementos do Jornalismo* (2003). A partir da preocupação dos autores, e outros jornalistas, a respeito do caminho seguido pelo jornalismo nos EUA, surge o “Comitê dos Jornalistas Preocupados” (MAIA, 2008, p. 140). Os envolvidos fizeram 21 discussões públicas, durante três anos, com milhares de cidadãos e jornalistas para reunir o material encontrado no livro. Os autores defendem princípios a serem utilizados na prática da profissão.

Um dos conceitos mais abordados no livro é a “disciplina da verificação”, separada em cinco partes:

- 1) Nunca acrescente nada que não exista;
- 2) Nunca engane o público;
- 3) Seja o mais transparente possível sobre seus métodos e motivos
- 4) Confie só no seu próprio trabalho de reportagem;
- 5) Seja humilde (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.157)



Consideram ainda, a *transparência* “o mais importante elemento na criação de uma melhor disciplina da verificação.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 126). Visto como a regra surgiu, é possível examiná-la na atualidade a partir das análises da *piuí*. Os perfis nas edições serão detalhados nas tabelas que seguem.

Análises

Após o estudo de seus conteúdos, as quatro edições foram separadas em duas tabelas. O resumo dos perfis serve de base para o conhecimento prévio sobre os personagens. O título, o autor e sobre o que se trata o perfil foram dispostos na primeira.

Informações iniciais (Tabela 1)

Edições	Título	Autor	Resumo do perfil
Edição 72 - Setembro	O Memorialista	Carol Pires	“O Memorialista” é Edson Nery da Fonseca, chamado, por Carol Pires, de “papa da biblioteconomia”. É um dos bibliotecários mais conceituados do país, montou diversas bibliotecas a pedido de presidentes da república e é conhecido por sua memória prodigiosa.
Edição 73 - Outubro	O engenheiro e a irmandade	Daniela Pinheiro	Paulo Vieira de Souza, o ‘Paulo Preto’ do PSDB foi ex diretor de engenharia da Dersa (Desenvolvimento Rodoviário Sociedade Anônima). Teve seu nome envolvido no escândalo de corrupção e a possível fuga do engenheiro com quatro milhões de reais da campanha de José Serra fez com que seu nome fosse para todos os meios de comunicação antes das eleições presidenciais.
Edição 74 - Novembro	O liberal contra a miséria	Rafael Cariello	O perfil é sobre Ricardo Paes de Barros, o economista responsável por “injetar doses inéditas de rigor nos estudos sobre pobreza e desigualdade no Brasil”. Rafael Cariello foca nos momentos que antecedem a chegada do economista no planalto.
Edição 75 - Dezembro	Cristina em Metamorfose	Gabriela Mochkofsky e Gabriel Pasquini	A presidente da Argentina, Cristina Kirchner é vista como uma força a se erguer na América Latina após a morte do seu marido e ex presidente, Néstor Kirchner. Sua ascensão política desde a época em que era a senadora Fernández até chegar à presidência do país é contada através de fatos da história recente, entrevistas paralelas, e situações de encontro entre os jornalistas e Cristina Kirchner.

A segunda tabela contém os critérios de análise referentes aos perfis. Trechos selecionados da revista foram dispostos nos tópicos: “Contato do jornalista com o perfilado” e “Observações/ Transparências”. É interessante ressaltar que as partes do texto que foram escolhidas para ilustrar as análises são prova do conceito da transparência a ser utilizado pela *piuí*.

Após os tópicos inseridos na tabela 2, há uma breve explicação de como os trechos são interpretados de acordo com a forma de escrita do jornalista. A colocação de dados que comprovam o encontro, a utilização demasiada de aspas para que a fala do perfilado seja colocada exatamente como comentada (mais observado no perfil da edição 73), e os padrões da narrativa não linear que se repetem nos perfis são base dos dados coletados para a comprovação do tópico.

Tópicos utilizados para a análise (Tabela 2)

	Contato do jornalista com o perfilado	Observações/ Transparências
Edição 72 - Setembro	- “Ele recita a oração e o poema na mesma cadência.” (p. 73)	- “Pedi-lhe que recitasse o poema com o qual mais se identifica e ele recitou <i>Testamento</i> , de Manuel Bandeira, que de fato se parece com ele ao falar dos dinheiros que perdeu, do filho que não teve, da saúde que se foi.” (p.76)
Edição 73 - Outubro	- “Seria ingênuo achar que o dinheiro teria que passar por ele, argumentei. ‘Ah, é? Você acha que eu tenho mais força que o governador de São Paulo?’, ele perguntou. (p. 28)	- “ ‘Mas no meu, o projeto dizia que não tinha que pôr, disse, e completou: ‘Então, comigo não põe! E foda-se.’ ” (p. 25) - “ ‘Na verdade, eu sou indesejável, eu sou o mal necessário’ ”, afirmou em uma tarde de setembro, em seu escritório no bairro do Itaim Bibi, em São Paulo.” (p. 24)
Edição 74 – Novembro	- “Em mais de uma ocasião, quando conversamos, PB procurou se mostrar agradecido às três mulheres.”. (p. 33)	-“O pesquisador mede 1,67 metro e tem o tronco largo, o que lhe dá uma aparência de ex-judoca, bastante em forma para os 58 anos que completa nesse mês. Sorri de maneira ao mesmo tempo tímida e acolhedora com alguma frequência, e alterna momentos de devaneio com outros de total atenção ao interlocutor. Os cabelos encaracolados, ainda que grisalhos, e a oscilação entre distinção e curiosidade fazem com que ele muitas vezes pareça um menino crescido.” (p. 30)
Edição 75 – Dezembro	-“Quando eu (Gabriel) estive com ela pela primeira vez, em 1997, Cristina Fernández Kirchner parecia ser do tipo Hillary Clinton...” (p. 37)	- “Foi o que aconteceu uma vez comigo (Graciela); ela me deu uma resposta áspera e acrescentou, com um olhar frio: ‘Como vai Gabriel (Pasquini, meu marido e



		parceiro de trabalho)? Estamos sempre conversando. Diga a ele para me procurar.”. (p. 37) - “Cristina desincumbiu-se do papel – embora de maneira um tanto inesperada. Estendeu o comprimento dos cabelos com apliques, usava casacos apertados e cinturões largos para acentuar a cintura delicada, exibia bolsas Louis Vuitton e só aparecia calçando sapatos de salto agulha muito alto.”. (p. 38)
--	--	--

Na Edição 72, a quantidade de informações que se repete ao longo da narrativa possui detalhes que são mais bem aplicados ao texto devido à observação e participação da jornalista no ambiente de conforto do bibliotecário. Frases como: “Mais surpreendente que a casa de um bibliotecário sem livros é a memória...” provam ao leitor o lugar que a jornalista esteve, parte de sua interpretação sobre a situação vivenciada. O mesmo se aplica a palavras utilizadas: “carrilhão”, “oblato”, “*causeur*”, que são de um entendimento restrito para o público: “*Mens sana in corpore sano*”, “*si hay gobierno, soy contra*.”. Percebe-se o que pode ser retirado do encontro dos dois, a partir do verbo de ação: “pedi-lhe...”.

A utilização de vários palavrões se repete no perfil da edição 73, no interior do discurso do engenheiro. A maior parte deles condiz com a figura arrogante que é mostrada, porém, tudo o que pode ser compreendido sobre Paulo de Souza é através de sua própria fala, sempre incluídas nas aspas. Daniela Pinheiro mostra, inclusive, os procedimentos dos encontros na página 26, ao fazer o acordo em que a entrevista seria gravada.

Esse não foi o único encontro, como é frisado por outras frases posteriores da jornalista. A situação em que Daniela Pinheiro faz a interpretação cabível, devido a sua interação com os personagens descritos, ocorre em um passeio com o engenheiro, seu motorista e a jornalista, para que ela visse as obras concluídas por Paulo de Souza e inacabadas por seus sucessores. Logo após a passagem da página 28, a fala do motorista é inserida no texto: “ ‘Chefe, aqui é a nova Jacu Pêssego’ ”, interrompeu o motorista. Por mais de uma vez, quando percebia que o patrão poderia estar falando demais, Rodney gentilmente cortava a conversa com a indicação sobre um trecho da rodovia.”



Como não havia sido a primeira vez que isso acontecia, ela presumiu a intenção do motorista com as interrupções pontuais no momento do encontro.

Na edição 74 é possível perceber sentenças como: “esbaforida”, “PB brincava com a caneta”. Elas são compreendidas como reflexo da observação peculiar do jornalista. A necessidade em colocar que os dois conversaram em mais de uma ocasião confirma a transparência utilizada no texto. Nesse breve momento em que o jornalista afirma a frequência dos encontros, mesmo que não explícita, ele se coloca no texto como uma peça secundária, de menor importância, mas essencial para o tipo de narrativa.

Das análises vistas, o perfil da edição 75 é o que apresenta o menor contato entre as partes. Isso porque os encontros foram esporádicos, desde 1997. Mesmo assim, o que se pode observar da personalidade da presidente é relatada a partir dessas mesmas percepções já citadas, que são encontradas na narrativa devido à forma como essas conversas sucederam. Impressões, inclusive, confirmadas em outras entrevistas futuras. Uma Cristina “áspera” aparece no momento em que se sente acuada pela pergunta da repórter. A maneira que encontra para dar a volta na situação é fazer alusão ao marido de Graciela, também jornalista. A participação dos dois, enquanto buscadores de respostas específicas ao longo dos anos, é barrada por constrangimentos como esse.

O jornalista deve continuar a busca para que as respostas sejam, ao menos, interpretadas pelo profissional e possam aparecer no texto como foram respondidas, se foram respondidas, no caso da presidente.

Observa-se, de uma forma geral, que não há uma preocupação em rotular os entrevistados, na medida em que elementos não convencionais, como a fala do motorista do engenheiro, por exemplo, aparecem nos textos de maneira a complementar as próprias entrevistas.

Considerações Finais

Entende-se que as possibilidades da criação do perfil como um espaço vasto para a produção do jornalismo não se restringem à escrita. Dos encontros ou formas de pesquisas, conversas e aparatos utilizados para embasar o texto, o elemento humano ainda é o mais procurado e de maior preocupação para o autor.



Por intermédio das publicações constantes sobre histórias de vida percebe-se a confirmação desse interesse em situar o indivíduo em meio às reportagens de revista. Mais do que um personagem secundário para fazer com que o leitor associe um fato específico às experiências pessoais mostradas na matéria, o indivíduo assume a figura central da narrativa. Os fatos contados são parte da vivência pessoal do personagem retratado no perfil. A partir do número crescente de publicações, pode-se inferir que a preferência do público em tomar conhecimento dessas histórias, torna-se cada vez maior.

A *transparência* pode ser entendida como o dever do jornalista em prestar contas de sua atuação na sociedade. (GUIMARAENS, 2012). Mais que isso, o dever está inserido na consciência da profissão. Mesmo que para Bill Kovach e Tom Rosenstiel a verdade do jornalismo se afaste da verdade filosófica, o que os profissionais devem continuar procurando é essa aproximação com o conceito da veracidade e verossimilhança. Tornar a escrita objetiva mesmo com a carga de subjetividade que está inerente a prática, ou seja, não há razão para querer que a subjetividade se “desfaça”. A procura, novamente, é pela maior proximidade com esses conceitos.

A revista *piauí* se diferencia no mercado, principalmente, pela preocupação primária em prestar contas, como introduz Rafael Guimaraens. Se há aspectos a serem considerados no perfil, imerso na narrativa, que partam dessa preocupação, é porque existe por trás do texto um jornalista – e todo o corpo editorial – que podem se mostrar interessados em ser transparentes. Ainda que de maneira diferente a partir dos personagens importantes na sociedade, a revista prima pela apuração bem feita e pelos métodos do ‘fazer perfil’ detalhados e exemplificados por Gay Talese (2003). A escrita parte da relação com a pessoa, com o sujeito a princípio desconhecido. Para que ele seja conhecido por inteiro, ou se aproximar disso, o jornalista é o responsável para fazer valer a interação e experimentar o diálogo na medida do possível.

Os jornalistas que se colocam no texto como parte dele, são os personagens que correspondem à narrativa diferenciada, com características literárias, como situadas no começo desse artigo. O jornalista personagem/experimentador da situação não é mais quem assina a matéria. Ele está agora convidado a participar de um lugar comum (o da entrevista), e vivenciar, junto ao perfilado, parte da história deste. Por isso pode, com a propriedade de testemunha, relatar o encontro. É como ouvinte, também, que possui a credibilidade para partilhar essa experiência com o leitor.



Referências

ALEIXO, C. D. S. C. **ENTREVISTA: uma possibilidade do encontro e uma experimentação no Programa Ensaio**. Mariana: UFOP, 2013. 57 p. Monografia. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

CUNHA, Luiz Cláudio. A Entrevista: 1 fundamento, 2 perguntas, 3 condições. In: Beatriz Marocco (Org.). **Entrevista - Na prática e na pesquisa**. São Paulo: Libretros, 2012. Pp. 55-74.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. A Entrevista Contada: Estratégias, Procedimentos e formatos. In: Beatriz Marocco (Org.). **Entrevista - Na prática e na pesquisa**. São Paulo: Libretros, 2012. Pp. 83-100.

Entrevista com o cineasta João Moreira Salles, publisher da "Piauí". Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/774936-leia-entrevista-com-o-cineasta-joao-moreira-salles-publisher-da-piaui.shtml>>. Acesso em 24 abr de 2013.

GUIMARAENS, Rafael. A Entrevista e seus personagens. In: Beatriz Marocco (Org.). **Entrevista - Na prática e na pesquisa**. São Paulo: Libretros, 2012. Pp.75-81.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário no Cinema**. Academia Brasileira de Jornalismo Literário, 10 nov. 2003. Disponível em <<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120031110160922&category=ensaios&lang=>>>. Acesso em 21 abr. 2013.

MAIA, Marta R. A história oral como recurso metodológico na entrevista jornalística. **Contracampo**, Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, 2006.

_____. A regra da transparência como elemento democratizador no processo da produção jornalística. **Revista BJR - Brazilian Journalism Research**, v. 4, n. 2, 2 sem. 2008.

_____. Perfil: a composição textual do sujeito. In: Tavares, Frederico de Mello B.; Schwaab, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. Pp. 177-188

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: Conhecimento Brasileiro. In MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco de (org.) **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista – O diálogo possível**. São Paulo, Ática, 1990.



WERNECK, Humberto (org.). **Vultos da República: os melhores perfis políticos da Revista Piauí**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

VILAS BOAS, Sergio. **A hegemonia da aparência nas revistas**. Academia Brasileira de Jornalismo Literário, 02 set. 2009. Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/ensaios/hegemonia_aparencia.pdf>. Acesso em 24 abr. 2013

VOGEL, Daisy I. A Entrevista, Um Traçado Aberto. In: In: Beatriz Marocco (Org.). **Entrevista - Na prática e na pesquisa**. São Paulo: Libretros, 2012. Pg. 101 – 115.